
**FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES
DE UMA INTERVENÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA**

*Mariana Mateus Ferraz¹,
Felipe Eduardo De Carvalho Ferreira²,
Letícia Lovato Dellazzana-Zanon³*

Resumo

A escola é um ambiente educacional e social favorável para o desenvolvimento de mudanças de comportamento. Portanto, ela pode ser considerada um contexto propício para a formação de adolescentes multiplicadores que ajudem na promoção de saúde e de qualidade de vida. Este estudo tem como objetivo apresentar uma intervenção para a promoção de multiplicadores no ambiente escolar e relatar a experiência de estágio de dois alunos do oitavo período do curso de psicologia de uma universidade do interior de São Paulo. Participaram da intervenção 24 alunos de uma escola pública, com média de idade de 16 anos, do Ensino Médio que eram membros do Grêmio Estudantil e/ou representantes de turma da escola. A intervenção foi composta por oito encontros, nos quais foram trabalhados os seguintes temas: respeito ao próximo/*bullying*, sexualidade, projeto de vida, política/atualidades, saúde mental e drogas. Apesar das dificuldades presentes no ambiente, os resultados mostraram que os alunos que participaram do projeto tornaram-se multiplicadores. O contrato de trabalho estabelecido entre os estudantes e os estagiários foi fundamental para garantir que os estudantes se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências pessoais e opinar sobre os temas discutidos. Como perspectivas para melhorar o ambiente escolar, os estudantes mencionaram que pretendem trabalhar no sentido de ajudar outros colegas, por meio da conscientização e da orientação, sobre o conhecimento que obtiveram durante os meses de intervenção.

Palavras-chave: multiplicadores; adolescência; psicologia escolar; protagonismo juvenil.

**EDUCATION OF MULTIPLIERS IN HIGH SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF
PSYCHOSOCIAL INTERVENTION**

¹ Psicóloga (PUC-Campinas) ✉ mariana.mferraz95@gmail.com

² Psicólogo (PUC-Campinas) ✉ felipeferreira.123@hotmail.com

³ Psicóloga (PUCRS), Especialista em Terapia de Família e Casal(Domus), Mestre em Psicologia (UFRGS) e Doutora em Psicologia (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Curso de Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Pesquisadora do grupo de pesquisa Psicologia da Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. ✉ leticiadellazzana@gmail.com

Abstract

School is a favorable educational and social environment for the development of behavioral changes. Therefore, it can be considered a favorable context for the formation of multiplying adolescents who help in promoting health and quality of life. This study aims to present an intervention for the promotion of multipliers in the school environment and to report the internship experience of two students from the eighth period of the psychology course at a university in the interior of São Paulo. Participated in the intervention 24 students from a public school, with an average age of 16 years old, from high school who were members of the Student Union and / or school class representatives. The intervention consisted of eight meetings, in which the following themes were worked on: respect for others / bullying, sexuality, purpose in life, politics / news, mental health and drugs. Despite the difficulties present in the environment, the results showed that the students who participated in the project became multipliers. The employment contract established between the students and the interns was essential to ensure that the students felt comfortable sharing their personal experiences and giving their opinion on the topics discussed. As perspectives to improve the school environment, students mentioned that they intend to work towards helping other colleagues, through awareness and guidance, about the knowledge they obtained during the months of intervention.

Keywords: multipliers; adolescence; school psychology; youth protagonist.

Introdução

A escola é considerada o primeiro espaço coletivo, depois do ambiente familiar, no qual convivemos, pois lá passamos longos períodos de tempo, desde a infância até a adolescência (Silva, Mello & Carlos, 2010). Na escola há possibilidades distintas da socialização familiar, pois o sujeito poderá escolher suas amizades, buscar assuntos de seu próprio interesse e também pensar em seu futuro (Gaspar, Ribeiro, Matos & Leal; 2008). O espaço educacional deve valorizar o protagonismo juvenil, incentivando a participação da população adolescente em projetos sociais, em movimentos populares, na ajuda à comunidade e outros tipos de mobilizações que transcendem assuntos individuais (Silva et al., 2010). É necessário, para isso, criar espaços que fomentem formas individuais de posicionamento coletivamente para que cada adolescente possa exercer protagonismo ao falar de suas experiências e transformar vivências pessoais em produção de conhecimento (Araujo & Muñoz, 2020).

A psicologia nesse âmbito também deve priorizar a participação dos adolescentes no planejamento, na execução e na avaliação das ações dos projetos que os envolvem (Silva et al., 2010). Para que isso ocorra, é necessário que os jovens compreendam e conheçam os assuntos dos projetos nos quais estão envolvidos, o que favorecerá sua participação e promoção de saúde e qualidade de vida no ambiente em que estão inseridos (Silva et al., 2010). No ambiente escolar os agentes multiplicadores podem ser os alunos, os professores, os pais e a própria comunidade (Dallo, 2012). Nesse sentido, o Ministério da Saúde (Brasil, 1997) tem considerado a escola como um ambiente educacional e social favorável para o desenvolvimento de mudanças de comportamento. A formação de adolescentes multiplicadores que vise a promoção de saúde e de qualidade de vida é uma das formas de realizar esse trabalho.

Na formação de multiplicadores adolescentes na escola, podem ocorrer mudanças de ordem: (a) individual, a partir do processo de formação que possibilita o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre si mesmo e sobre o mundo; e (b) coletiva, com a capacidade de atingir seus pares (Dallo, 2012). Além disso, por meio da formação de multiplicadores, é possível promover a participação ativa de adolescentes como cidadãos na sociedade (Dallo, 2012). O apreço aos adolescentes, favorecendo com que eles sejam multiplicadores, confirma que os jovens têm algo a dizer, que eles podem ocupar os espaços, conscientizando seus pares, e assim sensibilizando a todos com simplicidade e responsabilidade (Schuler et al., 2015).

Trabalhar com o adolescente não é somente auxiliar a passagem de “criança-adulto”, mas sim promover o desenvolvimento de habilidades e atitudes, dando-lhes voz, pois quando há protagonismo juvenil há o fortalecimento da autoestima, da assertividade e da construção do projeto de vida de forma consciente (Gurgel, Alves, Moura, Pinheiro & Rego, 2010). Quando um adolescente atua como multiplicador na escola, ele passa a ser referência para outros adolescentes, ultrapassando as fronteiras do ambiente educacional. A ação dos multiplicadores melhora o diálogo dos jovens entre si e com seus familiares, e também há possibilidade de tratar

de assuntos como sexualidade multiplicando o conhecimento protagonizando os jovens (Schuler et al., 2015). Considerando-se a falta de produção científica acerca do tema formação de multiplicadores no contexto escolar e a necessidade da realização de intervenções que abordem essa temática, este estudo teve como objetivo apresentar o relato de experiência da disciplina Estágio Básico III - Psicologia Na Educação/Escola: Educação Formal do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Método

A intervenção psicossocial foi realizada por dois estagiários de psicologia em uma Escola Estadual de Campinas/SP, sob a supervisão da Profa. Dra. Letícia Lovato Dellazzana-Zanon. Participaram da intervenção membros do Grêmio Estudantil (GE), representantes e vice-representantes de sala, do 1º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Optou-se por trabalhar com esses estudantes, pois eles, de certa forma, já possuem um papel de destaque na escola. Ao longo dos encontros participaram 24 estudantes com idades entre 15 e 19 anos. A intervenção foi composta por oito encontros com duração aproximada de 90 minutos, que ocorreram semanalmente entre setembro e novembro de 2017. Como recursos, foram utilizadas dinâmicas grupais, rodas de conversas e discussões sobre determinados temas. A forma como cada um dos encontros foi desenvolvida é apresentada a seguir.

Tabela 1. Descrição dos encontro, tema, objetivos e atividades da intervenção

Encontro	Tema	Objetivo	Atividade
1	Vínculo e formação de grupo	Criar um vínculo com os alunos que participarão dos encontros	Instruir os participantes que escreverem seus temas de interesses para discutir futuramente
2	Levantamento de temas	Decidir em conjunto os temas de maior interesse de todos	Roda de conversa sobre os temas futuros
3	Realização de contrato	Realização de um contrato, valorizando o sigilo entre todos	Apontar os pontos principais do contrato
4	Respeito	Refletir sobre as atitudes frente aos outros alunos e como melhorar esse aspecto na instituição	Dinâmica “O caso do Miguel” Discussão grupal

5	Sexualidade	Discutir diferenças entre gênero, identidade de gênero e opção sexual	Leitura de material sobre o tema, exibição de documentário
6	Projeto de vida	Refletir sobre escolhas e vida pós Ensino Médio.	Montagem “O que será do meu futuro?” Investigar a necessidade e roda de conversa
7	Política e atualidades	Conscientizar os alunos sobre os direitos e deveres de um cidadão e promover a busca por informações corretas na internet.	Roda de conversa “O que é a verdadeira política#
8	Saúde Mental	Conscientizar os alunos sobre os diferentes tipos de transtornos e refletir suas causas e consequências.	Roda de conversa sobre depressão, ansiedade, síndrome do pânico e automutilação
9	Drogas	Trazer aos alunos diferentes tipos de substâncias que não são conhecidas como drogas e refletir “o que é droga?”	Roda de conversa
10	Finalização	Avaliação das atividades	Roda de conversa e aplicação de um questionário

Resultados e discussão

Os três encontros iniciais foram utilizados para: (a) apresentar o objetivo da intervenção aos participantes, (b) estabelecer o contrato e as regras de convivência e (c) realizar um levantamento de temas de interesse dos adolescentes. Esses encontros foram importantes, pois possibilitaram à dupla de estagiários conhecer os estudantes e coletar dados sobre a escola, de modo a compreender os sujeitos e algumas relações daquele ambiente a partir da conversa com eles (Petroni & Souza, 2014).

Vínculo e formação de grupo

No primeiro encontro foi aplicada uma dinâmica para a apresentação e integração, na qual cada indivíduo deveria falar o nome, a idade, se era membro do GE ou representante e dizer algo sobre o que gostava de fazer. Os participantes do grupo foram convidados a conversar sobre o significado do ambiente escolar para cada um. Alguns aspectos positivos mencionados foram o fato de a escola ser um ambiente de socialização e de planejamento do futuro e um

lugar onde se aprende a lidar com as diferenças. Por outro lado, os participantes mencionaram que consideram o o método de ensino da escola ultrapassado.

Outros assuntos desse primeiro encontro foram *bullying*, desrespeito com alunos e professores, falta de acesso a temas como sexualidade, política e atualidades. As queixas dos participantes foram discutidas e, como uma sugestão para o que poderia ser feito para solucioná-las, os alunos mencionaram a responsabilidade de cada aluno para que esses problemas pudessem ser resolvidos e relataram que a falta de responsabilidade é uma das causas dos conflitos. Por fim, os alunos inseriram em uma caixa alguns temas de interesse, com o intuito de auxiliar o planejamento do projeto de intervenção.

É importante ressaltar que, por serem membros do GE ou representantes de sala, os participantes da intervenção tinham uma posição de referência dentro da escola, o que facilitou o processo de construção de alunos multiplicadores.

Levantamento e decisão dos temas de interesse

No encontro seguinte apresentou-se o conceito de multiplicadores no ambiente escolar, com o intuito de que os participantes compreendessem seu papel e entendessem a importância de se tornarem referência para outros adolescentes. Essa conscientização teve como objetivo ultrapassar as fronteiras do ambiente educacional, melhorar o diálogo entre os adolescentes e possibilitar a multiplicação do conhecimento produzido e protagonizado pelos participantes do grupo (Schuler et al., 2015).

Os temas coletados no encontro anterior foram debatidos para que os próprios adolescentes escolhessem quais seriam trabalhados na intervenção, uma vez que, por questões de tempo, não seria possível trabalhar com todos os temas sugeridos. Os assuntos eleitos foram: (a) respeito ao próximo/*bullying*, (b) sexualidade, (c) projeto de vida, (d) política/atualidades, (e) saúde mental e (f) drogas.

Foi discutido com os adolescentes quais regras deveriam existir no grupo e os aspectos que eles consideravam indispensáveis para a harmonia do grupo. O ponto principal elencado por eles foi o sigilo, compreendido como a necessidade de manter as questões discutidas na intervenção dentro do espaço do grupo. Foram mencionados também a importância de manter o respeito, a empatia e da não realização de julgamento entre eles.

Realização de contrato

Nesse encontro foi reafirmado o contrato grupal a partir das regras que foram estabelecidas no encontro anterior. Os alunos e os estagiários receberam uma cópia do contrato realizado e, após a leitura e reafirmação das regras, todos assinaram um termo que mostrava que estavam de acordo com as regras estabelecidas.

Durante o debate das regras do grupo, os integrantes relataram um conflito entre o GE e os alunos após os jogos escolares. Nesse evento houve uma briga entre as turmas, que incluiu agressão física e violência verbal e, em resposta, a diretoria da escola proibiu a realização de outro evento semelhante. Como solução, o GE, organizador do evento, proibiu a participação dos envolvidos na briga do próximo evento esportivo. Essa decisão gerou muito debate entre os participantes e desse conflito emergiu um tema que os participantes escolheram para discutir no projeto: respeito, mais especificamente, a falta dele. Os alunos do GE relataram não se sentir respeitados pela decisão tomada.

Com a situação emergente, fez-se necessário a atuação dos estagiários como mediadores das falas. A atuação dos estagiários foi de acordo com o objetivo principal do profissional da área educacional, entendendo que o psicólogo escolar deve atuar como mediador dos processos de desenvolvimento humano e também de aprendizagem (Oliveira & Marinho-Araújo, 2009).

Respeito

Considerando-se que as relações interpessoais contemporâneas estão cada vez mais complexas, principalmente no ambiente escolar, afastando dos adolescentes a experiência do

bom convívio, do respeito ao próximo, da solidariedade e de outras questões éticas (Araújo & Silva, 2011), planejou-se conversar com os adolescentes sobre respeito. Inicialmente, os estagiários aplicaram a dinâmica “O Caso de Miguel”, a qual propõe a divisão dos estudantes em 5 grupos, sendo que cada grupo recebe um relato sobre o suposto Miguel e, a partir desses relatos, cada grupo deve apresentar o Miguel. Após eles relatarem o que achavam de Miguel, foi lido para eles o relato do próprio personagem, mostrando que, muitas vezes, as pessoas julgam o próximo sem saber o que realmente está acontecendo.

Durante a dinâmica, o grupo estava muito agitado, o encontro foi interrompido e foi perguntado se eles sentiam que estavam respeitando os estagiários de psicologia. Os alunos refletiram e responderam que não os estavam respeitando. Após esse momento, os alunos passaram a respeitar não apenas os estagiários, mas também o próprio grupo. A discussão gerada pela dinâmica trouxe relatos específicos do ambiente escolar e o caso de Miguel foi comparado com os boatos que surgem entre os alunos. Durante a discussão, os participantes falaram sobre *bullying*, *cyberbullying* e preconceito como uma forma de não respeitar o próximo. O respaldo teórico para essa atividade foi baseado na compreensão de que o *bullying* é toda a forma de atitude agressiva, intencional e recorrente, sem uma motivação evidente, praticada por crianças e adolescentes, que pode ser manifestado em ambientes onde acontecem relações interpessoais, como a escola, ou em ambientes virtuais, como a internet (Tondo, Rhoden & Rhoden, 2016).

Alguns alunos trouxeram sua experiência particular, como V. adolescente masculino de 17 anos, que relatou o contexto em que sofreu *bullying*: o preconceito social. V contou que estudou como bolsista em uma instituição de ensino particular e que, nesse período, alguns colegas o acusavam de roubo e também debochavam da situação socioeconômica. O aluno compartilhou que realizou acompanhamento psicológico, pois constantemente pensava em métodos de se vingar dos colegas que realizaram essa agressão com ele.

A partir do relato do participante do grupo, pode-se compreender que o *bullying* traz feridas que são difíceis de cicatrizar, principalmente se esse tipo de violência ocorre durante a adolescência, período de formação identitária. Muitas vezes, como vemos em casos midiáticos, a vítima de *bullying* agride a instituição como um todo como forma de autoafirmação, pois a ferida causada pela agressão não deixa vir à tona, causando isolamento e prejuízo na vida social (Pereira, 2017).

Foi proposto aos adolescentes que eles pensassem em alguma atividade por meio da qual pudessem levar esse tema aos outros alunos da escola. Após a discussão entre os participantes, V., protagonista desse encontro, sugeriu promover uma palestra sobre *bullying* com depoimentos deles próprios para os outros alunos. Entretanto, essa atividade não pode ser realizada, pois não foi aprovada pela equipe gestora da escola, que sugeriu que fossem realizadas palestras sobre *bullying* durante o horário de aula.

Esse encontro possibilitou a discussão de temas como empatia, julgamento, *bullying* e respeito, de modo que os participantes puderam compreender como a falta de respeito é recorrente e refletir sobre a importância de respeitar o próximo. Esse tipo de reflexão é importante no ambiente escolar, pois pode promover relações saudáveis futuras entre o indivíduo e o seu contexto e bem-estar e qualidade de vida entre o indivíduo e as pessoas que interagem com ele (Gaspar et al., 2008).

Sexualidade

A escola como formadora do indivíduo possibilita a reconstrução de conceitos da sociedade, pois ela viabiliza o debate de temas atuais como diversidade sexual e questões de gênero, com intuito de que as pessoas que não se encaixam nos padrões de heteronormatividade sejam compreendidas e respeitadas na nossa sociedade (Martins & Castro, 2016). Considerando-se que a adolescência pode servir como um momento de experimentações e descobertas sexuais, assuntos como sexo, gênero, identidade, papéis e orientação sexual,

erotismo, prazer, intimidade e reprodução devem ser trabalhados (Amaral, Santos, Paes, Dantas, & Santos, 2017).

Durante a intervenção, planejou-se trabalhar com os adolescentes sobre sexualidade, mais especificamente, identidade de gênero, orientação sexual e relações sexuais na adolescência. Primeiramente, utilizou-se do texto “Sobre Urubus e Beija-flores” presente no livro “A Grande Arte de Ser Feliz” de Rubem Alves, o qual ilustra metaforicamente as diferenças e a identificação sexual, contando a história de um urubu que gostaria de ser um beija-flor. Em seguida, apresentaram-se três vídeos sobre o tema, os quais possuíam relatos de pessoas com identificação de gênero e orientação sexual não heteronormativa.

O primeiro vídeo relatava uma mulher contando como é ser transexual, o seguinte era de um homem demonstrando a experiência ser *drag queen* e o último era de um homem que se identifica como não-binário. Os vídeos mobilizaram uma discussão sobre o desrespeito, como pode ser visto na fala de uma aluna do 3º ano e membro do GR: “*não precisa aceitar, mas é só respeitar*”. Os alunos comentaram também que os membros mais velhos de suas famílias tinham mais dificuldade de aceitar pessoas com orientações sexuais não heteronormativa, muitas vezes, em função de suas crenças religiosas.

O conceito de gênero acompanha as modificações socioculturais, sendo assim, o adolescente expõe as concepções de gênero a partir do contexto social e político no qual está inserido, ou seja, sua concepção de gênero é influenciada pela herança familiar, pela religiosidade presente na família e na sociedade, pela mídia e por aqueles do seu convívio social, incluindo a escola. Entretanto o jovem pode incorporar as concepções apreendidas ou modificá-las a partir de suas experiências (Amaral et al., 2017). Alguns adolescentes do grupo afirmaram não concordar com a orientação sexual de um indivíduo homossexual por conta da sua religião, entretanto mencionaram que respeitam o indivíduo. Outros comentaram que sua visão se contrapõe ao pensamento de seus pais e avós, demonstrando que podem adotar o

pensamento da família para si ou modificar e criar um pensamento próprio a partir das suas vivências.

No final do encontro foi realizado um jogo de verdadeiro ou falso, com as seguintes afirmações: (a) é correto perder a virgindade somente após os 18 anos, (b) camisinha é o único método contraceptivo que previne gravidez, e (c) masturbação excessiva pode causar prejuízo à saúde. Durante a discussão sobre o jogo, os adolescentes concluíram que para decidir sobre o início da vida sexual deve-se pensar nas consequências que ela pode trazer e utilizar métodos contraceptivos.

Os relatos dos adolescentes demonstraram que o grupo possuía conhecimento sobre métodos contraceptivos, como pílula anticoncepcional, dispositivo intrauterino (DIU) e camisinha feminina e que reconhecem a camisinha como o melhor método quando se trata de evitar doenças sexualmente transmissíveis. Entretanto, chamou atenção o fato de que o tema masturbação ainda é um tabu, principalmente quando se trata da masturbação feminina, pois todos concordaram que, se realizada em excesso, pode causar mais malefício que benefício.

Não surpreendentemente, observou-se que o tema sexualidade causou muito interesse nos estudantes: alguns relataram que não conversam sobre esse tema em suas casas, mesmo sentindo necessidade de falar com os pais, principalmente no que se refere a práticas sexuais. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos na pesquisa de Lacerda (2004) segundo a qual os adolescentes não têm espaço para o diálogo em casa, sobretudo devido à intolerância dos pais em relação a assuntos ditos polêmicos.

Projeto de vida

A construção do projeto de vida é uma tarefa importante do desenvolvimento que, embora inicie na infância e se concretize ao longo da vida adulta, tem na adolescência sua principal fase de elaboração. Não por acaso, diferentes autores da psicologia do desenvolvimento têm chamado atenção para o fato de que a construção de um projeto de vida

é uma tarefa da adolescência (Dellazzana-Zanon & Freitas, 2015). No entanto, para que os adolescentes construam projetos de vida é necessário que eles encontrem espaços nos quais eles se sintam convidados a refletir sobre si e sobre seu futuro. Assim, promover um encontro sobre projetos de vida em uma intervenção psicossocial na escola em que os temas foram definidos pelos participantes é, ao mesmo tempo, inspirador e desafiador.

O planejamento de um projeto de vida começa nas relações do fortalecimento da identidade pessoal e da autoestima, por meio do qual o indivíduo passa a planejar seu futuro com consciência da sua responsabilidade pessoal sobre seu futuro (Gomes, Tomasi, Ceretta, Birolo & Amboni, 2016). Além disso, refletir sobre o projeto de vida na adolescência proporciona uma avaliação pessoal de qualidades, limitações, o que possibilita um maior autoconhecimento e uma consideração sobre seu mundo exterior e os ambientes nos quais participa (Gomes et al., 2016).

Para abordar o tema utilizou-se de uma dinâmica lúdica para proporcionar a reflexão sobre o futuro. Os alunos deveriam construir a partir de uma folha, algumas revistas, tesouras e colas, como eles se imaginam daqui a cinco anos. Diante da dificuldade dos alunos, os estagiários complementaram a pergunta disparadora questionando “O que você se imagina fazendo daqui a cinco anos?”. Durante a dinâmica percebeu-se que os alunos mais novos possuíam mais dificuldade em realizar a tarefa do que os alunos que estavam prestes a se formar no Ensino Médio.

Em um segundo momento, foi solicitado que os adolescentes compartilhassem com o grupo o que tinham feito sobre como se imaginavam no futuro. Observou-se que alguns alunos tinham projetos de vida em relação ao trabalho, à família e à aquisição de bens materiais. Esses projetos têm sido encontrados em outros estudos com adolescentes de nível socioeconômico baixo (Dellazzana-Zanon, Riter & Freitas, 2015; Miranda & Alencar, 2015).

Chamou atenção o fato que todas as adolescentes mulheres mencionaram a constituição da família como um de seus projetos de vida, o que ocorreu somente com um participante do sexo masculino. Em outro estudo recente sobre projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo os resultados mostraram que todas as participantes do sexo feminino também mencionaram a constituição de família como um projeto de vida (Riter, Dellazzana-Zanon, & Freitas, 2019).

Assim, a partir da possibilidade de falarem sobre si, sobre seus pensamentos, no que acreditam e em suas atitudes, o autoconhecimento e a reflexão para suas vidas futuras foram oportunizados (Minto, Pedro, Netto, Bugliani & Gorayeb, 2006). Os participantes puderam compreender sobre projeto de vida e ao mesmo tempo refletir e pensar sobre suas respectivas vidas, de modo a estabelecer algumas metas que podem ser traçadas para que eles alcancem seus objetivos. Esse encontro foi particularmente importante, pois considerando-se o tempo de incertezas e de falta de sentido que estamos vivendo, a necessidade de ajudar os jovens a refletirem sobre seu futuro na sociedade e a construírem seu projeto vida é ainda mais urgente (Dellazzana-Zanon-Freitas, 2015).

Política e atualidades

Com o intuito de ilustrar as diferenças entre as correntes políticas foi apresentado aos estudantes um vídeo. A atividade foi planejada diante da conjuntura atual do nosso país, com o Projeto de Lei (PL) 213/2017 conhecido como “Escola Sem Partido”, que em novembro de 2017 foi aprovado na cidade de Campinas/SP. Em setembro de 2018 a proposta reapareceu, causando polarização na Câmara Municipal de Campinas/SP, após um pedido de vistas para retirada de votação do projeto, o qual foi aprovado. Segundo Miguel (2016) a proposta em vigor impede a promoção da educação sexual, do combate ao preconceito, à intolerância e a violência nas escolas, com a desculpa de preservar a formação moral da nova geração.

Durante a discussão sobre o vídeo, a maior parte dos estudantes afirmou não ter conhecimento suficiente sobre política e que o vídeo possibilitou a compreensão dos modelos de governo. Em seguida, falou-se sobre temas da atualidade, como a Escola Sem Partido e o movimento estudantil. Esse tema teve como objetivo favorecer a compreensão dos estudantes diante das exigências de uma pseudoneutralidade quanto aos partidos políticos na escola

No espaço educacional deve-se valorizar o protagonismo juvenil, incentivando a participação dessa população em projetos sociais e movimentos populares (Silva et al., 2010). Assim, falar de política no ambiente escolar favorece o autoconhecimento, a reflexão, o relacionamento interpessoal e também a solução de problemas cotidianos (Minto et al., 2006)

Saúde mental

Compreendendo a adolescência como um período de transição, no qual o adolescente pode ser vulnerável ao uso de drogas e transtornos psicológicos, esses temas foram abordados com o intuito de promover reflexão e auxiliar na tomada de decisão consciente. Pretendia-se apresentar vídeos sobre depressão e ansiedade, entretanto não foi possível pela falta de um projetor na sala de aula. Como auxílio para a discussão sobre o tema foi apresentada parte da “Cartilha de Orientação em saúde Mental: Um caminho para inclusão social”, realizada pela Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, na qual se explanava o conceito de sofrimento psíquico.

Os índices de sintomas depressivos na adolescência são acentuados no sexo feminino, que se manifestam de modo subjetivo, diferentemente do sexo masculino, em que os sintomas se manifestam mais por meio de problemas de comportamento, pelo abuso de substâncias e também pelos sentimentos de repulsa (Coutinho, Pinto, Cavalcanti, Araújo, & Coutinho, 2016). Os resultados desse encontro coincidem com a pesquisa anterior, pois a maioria dos casos relatados durante o encontro foram de adolescentes mulheres.

O tema foi discutido com fervor pelos alunos, os quais conversaram sobre até que ponto uma situação pode ser considerada normal ou patológica, o conceito de saúde mental e como promovê-la. Durante o debate, os temas depressão e ansiedade foram abordados e o grupo começou a contar casos que ocorriam em suas famílias. Uma aluna em particular (T., sexo feminino, 18 anos) se mostrou sensível a esse tema, comentou sua insatisfação com as atitudes dos outros em relação ao sofrimento psíquico que vive, enfatizando o sentimento de ser incompreendida pela mãe. Essa aluna em particular optou-se por se retirar do encontro e retornou somente ao final do mesmo.

O grupo discutiu, diante do relato da aluna, quais seriam as atitudes que eles poderiam ter diante do sofrimento mental de algum conhecido. Os adolescentes afirmaram que não saberiam como ajudar. O tema mobilizou emocionalmente muito os alunos, e ao final dois alunos (um adolescente de 17 anos e uma adolescente de 15 anos) quiseram conversar sobre suas questões particulares. O relato de alguns adolescentes de que seus familiares têm dificuldades de lidar com o transtorno psicológico de um filho e a possibilidade de a família ser um aspecto adoecedor para o adolescente condiz com Coutinho et al. (2016), segundo os quais a disponibilidade familiar influencia a autopercepção do adolescente e as formas de resolução de problemas ligadas a questões afetivas.

Quando a adolescente que se retirou retornou no final do encontro, ela foi acolhida pelos membros do grupo, que a ouviu e a compreendeu e ao final a abraçaram. Essa situação gerou uma integração maior do grupo e abriu espaço para que outros membros do grupo que estivessem passando por dificuldades referentes à saúde mental também se sentissem à vontade para se expor. Nessa ocasião, foi possível observar no grupo a atuação dos participantes como agentes de ação na escola, ouvindo e acolhendo, colocando em prática o que foi trabalhado nos encontros anteriores, como escuta, companheirismo e empatia, exercendo o papel de

multiplicadores. Nesse sentido, a ação dos multiplicadores melhora o diálogo os adolescentes, multiplicando o conhecimento aprendido e tornando-os protagonistas (Schuler et al., 2015).

Drogas

O tema foi abordado inicialmente esclarecendo os diferentes tipos de drogas (depressoras, alucinógenas e estimulantes) e os motivos de a sociedade afirmar que os adolescentes são mais vulneráveis para o seu consumo. Essa conversa inicial serviu para promover uma tomada de decisão consciente nos adolescentes e os ajudou a refletir sobre as consequências de suas atitudes. O grupo trouxe a perspectiva social sobre o consumo de drogas. Um dos alunos (V. sexo masculino, 17 anos) relatou sobre o uso de maconha quando era mais novo, comentou sobre a pesquisa que realizou sobre o assunto para uma disciplina e o modo como o governo atua com os usuários, excluindo-os da sociedade e deixando-os mais vulneráveis. Outra aluna relatou sobre o consumo de substâncias alucinógenas sintéticas que fez em uma festa *rave* e concluiu que não precisava utilizar drogas para aproveitar a festa.

O encontro foi tumultuado por consequência das interrupções causadas pela dificuldade estrutural, pois o grupo precisou mudar de sala mais de uma vez, fazendo com que o encontro perdesse vinte minutos. Alguns alunos voltaram a falar de suas experiências com drogas e foi possível discutir o impacto de seu uso na vida do adolescente e a questão da vulnerabilidade para o uso de substâncias nessa fase da vida.

Evidências de pesquisas recentes feitas no contexto nacional mostram que o consumo de drogas por adolescentes está bastante disseminado e começa cedo. Um estudo investigou a frequência de uso do álcool e seu consumo abusivo na vida de 638 estudantes com idade entre 13 e 17 anos, de escolas públicas da cidade de Uberlândia-MG. Os resultados desse estudo mostraram que 80,9% dos participantes já tinham feito uso de álcool e 18,4% faziam consumo de risco (Reis & Oliveira, 2015). Os resultados de outro estudo sobre consumo de drogas em adolescentes do Ensino Fundamental de uma escola pública de Salvador-BA mostraram elevada

prevalência de consumo de drogas entre os adolescentes e sua associação com baixa escolaridade, precocidade no trabalho e na relação sexual e a falta de prática religiosa (Santos et al., 2017). Esses dados chamam atenção para importância do planejamento de intervenções que promovam a prevenção do consumo de drogas em adolescentes.

Alguns dos fatores associados ao uso de drogas na adolescência são o contexto, as influências sociais e o próprio período do ciclo vital, que propicia a busca por novas sensações e experiências (Cachão, Oliveira, & Raminhos, 2017). Entretanto, alguns adolescentes que iniciam o uso de droga experimentando, com o intuito de interagir com seu grupo, de forma recreativa, acabam se tornando dependentes da substância (Santos & Araújo, 2016). Isso ocorre em função do início cada vez mais precoce do uso de substâncias e da dificuldade do adolescente de refletir sobre as possíveis consequências dessa atitude, como os efeitos colaterais e as implicações para seu desenvolvimento psicossocial (Cachão et al., 2017). Apesar disso, alguns estudantes rechaçam seus pares que consomem drogas ilícitas (com exceção da maconha), o que demonstra que os próprios adolescentes são conscientes em algum nível das consequências do uso de substâncias psicoativas (Santos & Araújo, 2016).

Esse último aspecto ficou evidente no encontro, pois os membros do grupo demonstraram capacidade de reflexão e de pensar nas consequências que o uso de substâncias pode trazer para a vida como um todo: muitos comentaram sobre o fato de que não apenas o usuário de drogas sofre com as consequências do uso, mas toda sua família. Ao final, nós comentamos sobre a possibilidade da substância psicoativa ser disparadora de transtornos psicológicos psicóticos como a esquizofrenia, o que gerou espanto nos adolescentes e comentários sobre a necessidade de se tomar muito cuidado na hora de “experimentar” alguma substância desconhecida.

Finalização

Como último dia de intervenção, planejou-se a finalização com o grupo, sendo assim, foi realizada uma dinâmica na qual em pequenas folhas os alunos deveriam desenhar ou escrever o que o grupo representou para cada um. Alguns alunos desenharam, outros escreveram e um em particular escreveu um poema, que foi lido após a finalização da atividade. Com os resultados da atividade de cada membro do grupo, criou-se uma bandeira do grupo, significando que o grupo possuía um símbolo próprio, a partir da individualidade de cada um.

Como uma forma de obter um retorno da intervenção dos participantes de forma menos expositiva, solicitou-se aos estudantes que preenchessem um questionário com questões sobre a experiência dos encontros, o tema que mais gostaram, o que menos gostaram e sugestões. A falta de muitos alunos no último encontro dificultou na coletar da avaliação final, recolhendo as respostas de somente onze participantes.

Os alunos demonstraram a partir do questionário que os temas mais relevantes a eles foram drogas, sexualidade e transtornos psíquicos. Leva-se em consideração que muitos responderam mais de um tema de interesse, também foi citado mais de uma vez o encontro que refletiu o projeto de vida. Contudo, em relação aos pontos negativos a maioria respondeu que o horário dos encontros atrapalhou o comparecimento em todos os encontros e outros afirmaram que não encontraram pontos negativos. Por fim, a última questão proporcionou que os alunos refletissem o que poderia ser realizado futuramente para melhorar o ambiente escolar, muitos responderam que pretendiam ajudar o próximo, conscientizar, e orientar outros estudantes, além do mais, afirmaram que utilizariam o que aprenderam durante os encontros para realizar as ações citadas.

Após a avaliação foi debatido a experiência de participar do grupo, nesse momento alguns participantes relataram como se sentiram, ou da experiência sobre determinados temas da intervenção, outros comentaram sobre o aprendizado que obtiveram, mas de modo geral todos os presentes relataram o aproveitamento do projeto. Os estagiários também relataram a

experiência, o aprendizado em ambos os lados, a percepção do crescimento do vínculo grupal, assim como o interesse e envolvimento dos participantes.

Observou-se que, corroborando com Carvalho, Rodrigues e Medrado (2005), quando o grupo participa da decisão dos temas, levam com eles a dimensão afetiva, contribuindo com o fortalecimento do vínculo. As técnicas de sensibilização, comunicação, reflexão e a utilização de dinâmicas propícia também o vínculo grupal, cabe aos coordenadores de grupo empregar essas estratégias para facilitar o processo grupal (Carvalho et al., 2005). Nesse caso, pode-se dizer que as estratégias utilizadas durante todo processo de intervenção facilitaram o processo grupal e a criação do vínculo.

Considerações Finais

O processo grupal realizado possibilitou resultados quanto à formação de multiplicadores adolescentes por meio dos temas e das dinâmicas grupais que foram aplicadas. Nos encontros, houve sempre um ambiente facilitador para a aprendizagem, sendo pelos temas abordados ou também pela troca de experiência, compreendendo que aprender e ensinar são um processo dialético. O grupo demonstrou abertura para o diálogo de forma espontânea, expondo questões pessoais aos outros participantes, garantido pela regra de sigilo existente no contrato.

Os estagiários tiveram a oportunidade de realizar essa intervenção, e também, aprimorar o conhecimento por meio dessas práticas. O objetivo previsto foi alcançado, houve o facilitador, os participantes do grupo possuíam um lugar de referência diante de outros alunos, sendo assim, possibilitando a capacitação dos mesmos sobre temas atuais, como *bullying* e identidade de gênero, para atuar como agentes multiplicadores na escola.

Os temas da intervenção foram escolhidos com a participação dos alunos, sendo eles por questões pessoais ou demandas da escola; as demandas foram atendidas ao entrar em contato com os temas, pois o espaço, o vínculo e o modo como ocorreram os encontros

favoreceu a compreensão dos jovens sobre cada tema, como por exemplo, como lidar com pessoas que estão em sofrimento psíquico.

A partir da formação de multiplicadores pretendia-se que o grupo realizasse atividades na escola, como palestras, grupos e atividades multiplicando o conhecimento obtido por eles nos nossos encontros. Entretanto houve, segundo eles, impedimento da diretoria, tornando inviável a realização das atividades planejadas. Considerando a escola como um ambiente limitado por conta de sua organização, de seus horários e de seus compromissos a intervenção foi comprometida, pela dificuldade de participação dos alunos.

Pode-se dizer que a formação de multiplicadores foi bem consolidada, considerando-se que os membros do grupo tiveram a oportunidade de pensar e refletir sobre diversos temas e seus aspectos. Desse modo, o grupo poderá contribuir em futuros projetos por meio da convivência, apresentando, discutindo e refletindo sobre assuntos que foram trabalhados conosco ou outros de seus interesses. Esse dado foi levantado a partir do próprio relato dos participantes durante a avaliação do projeto.

Os encontros foram de extrema importância para que os adolescentes desenvolvessem o pensamento crítico e a reflexão. Esse aspecto pode ser observado, pois, no início da intervenção, os encontros necessitavam de perguntas diretas dos estagiários e ao final os encontros ocorriam sem a necessidade do nosso estímulo. O projeto evidenciou a importância e a necessidade de projetos como esse nas escolas. Acreditamos que novos projetos com o intuito de criar um ambiente de aprendizagem possam contribuir para a formação de multiplicadores no contexto escolar sejam postos em prática, para que os adolescentes se tornem cada mais protagonistas de suas histórias.

Referências

Alves, R. (2014). *A grande arte de ser feliz*. 1 ed. São Paulo: Planeta do Brasil.

- Amaral, A. M. S., Santos, D., Paes, H. C. S., Dantas, I. S., & Santos, D. S. S. (2017) Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 6(1), 62-67.
- Araújo, C. P. Da S., & Silva L. R. Da. (2011) Bullying Na Escola: Essa Brincadeira Não Tem Graça! V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão, Brasil.
- Araujo, A. M., & Muñoz, N. M. (2020). A promoção à saúde na experiência de jovens promotores da saúde. *Psicologia em Estudo*, 25, e46795. Epub May 18, 2020.
<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.46795>
- Brasil (1997). Criança, adolescente e adulto jovem. Brasília. Documento de referência para o trabalho de prevenção das DST, Aids e drogas. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids.
- Cachão, J., Oliveira, I., & Raminhos, I. (2017). Adolescência e Abuso de Substâncias. *Revista Nascer e Crescer* (26)2, 103-108.
- Carvalho, A. M., Rodrigues, C. S., & Medrado, K. S. (2005) Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Revista Estudos de Psicologia*, 10(3), 377-384.
- Coutinho, M. P. L, Pinto, A. V. L., Cavalcanti, J. G., Araújo, L. S., & Coutinho, M. L. (2016). Relação entre depressão e qualidade de vida de adolescentes no contexto escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(3), 28-41. Doi: <https://doi.org/10.15309/16psd170303>
- Dallo, L. (2012) Formação de multiplicadores para a prevenção ao uso de drogas e condutas sexuais desprotegidas *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 7(2),137-147.
- Dellazzana-Zanon, L. L. & Freitas, L. B. L. (2015). Uma revisão de literatura sobre a definição de projeto de vida na adolescência. *Interação em Psicologia* 19(2), 281-292.

- Dellazzana-Zanon, L. L., Riter, H. S., & Freitas. (2015). Projetos de vida de adolescentes que cuidam e que não cuidam de seus irmãos menores. In R. M. S. De Macedo (Org.), *Expandindo horizontes da terapia familiar* (pp. 111-122). Curitiba, PR: CRV.
- Gaspar T., Ribeiro J. P., Matos M. & Leal, I. (2008). Promoção de qualidade de vida em crianças e adolescentes. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 9 (1), 55-71.
- Gomes, F. Z.; Tomasi, C. D.; Ceretta, L. B.; Birollo I. V. B., & Amboni, G. (2016). Adolescentes e construção do projeto de vida: um relato de experiência. *Revista do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família*, 3, 1-14.
- Gurgel M. G. I, Alves M. D. S., Moura E. R. F., Pinheiro P. N. C. & Rego R. M. V. (2010). Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(4),640-646.
- Lacerda, M. A. (2004) Adolescentes falando “daquilo”: um estudo qualitativo das fontes de informação sobre sexualidade e saúde reprodutiva em duas escolas municipais de Betim, MG. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP). Caxambú, Brasil.
- Martins, R. R., & Castro, R. M. M. (2016) Diversidade sexual e de gênero no contexto escolar: conceitos, políticas públicas e função da escola. *Revista Profissão Docente*, 16(34), 128-138.
- Miguel, L. F. (2016). Da “doutrinação marxista” à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Revista Direito e práxis*, 7(15), 590-621.
- Minto, E. C., Pedro, C. P., Netto, J. R. Da C., Bugliani, M. A. P. & Gorayeb, R. (2006) Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 561-568.
- Miranda, F. H. F., & Alencar, H. M. (2015). Projetos de vida na adolescência: Um estudo na área da ética e da moralidade. *Diaphora*, 15(2), 27-33.

- Oliveira, C. B. E. de O.; Marinho-Araújo, C. M. (2009). Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 648-663.
- Pereira, F. C. (2017) O Bullying Escolar e a Ferida Identitária. *Revista Ciência Contemporânea*, 1(1), 16- 29.
- Petroni, A. P. & Souza, V. L.T. D. (2014). Psicólogo escolar e equipe gestora: tensões e contradições de uma parceria. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 444-459.
- Reis, T. G., & Oliveria, L. C. M. (2015). Padrão de consumo de álcool e fatores associados entre adolescentes estudantes de escolas públicas em município do interior brasileiro. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18(1), 13–24.
- Riter, H. S., Dellazzana-Zanon, L. L., & Freitas, L. B. L. (2019). Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 55-68.
- Santos, M. & Araújo M. S. (2016) Amizades e decisão de consumo de drogas na adolescência. Anais do IX Encontro Internacional de Formação de Professores, X Fórum Permanente de Aracaju, Brasil.
- Santos, M. M.; Mota, R. S.; Carvalho, M. R. S.; Araújo, G. S.; gomes, N. P.; Oliveira, J. F. (2017). Consumo de drogas e fatores associados: estudo transversal com adolescentes escolares do ensino fundamental. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 16(1), 64-72.
- Schuler, C., Watte, C. S. B., Schütz, M. F. S., Ritter, M. C. S., Nath, S., Erthal, V. K., Silva, G. P., & Silva W. S. (2015). Multiplicadores adolescentes do Programa Saúde na Escola: a prevenção entre pares. *Adolescência e Saúde*, 12(supl. 1), 38-43.
- Silva M., Mello D., & Carlos D. (2010). O adolescente enquanto protagonista em atividades de educação em saúde no espaço escolar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(2), 287-93.
doi:<https://doi.org/10.5216/ree.v12i2.5301>

Tondo, R., Rhoden J. L. M. & Rhoden, V. (2016) “Chega de bullying”: um olhar sobre a mobilização de crianças e adolescentes contra o bullying na internet. *Revista Temática*, 12(1), 16-32.